

PERCEÇÕES SOBRE SAÚDE MENTAL NA ADOLESCÊNCIA: ESTUDO COM ADOLESCENTES DE 13 A 17 ANOS DO ENSINO BÁSICO DE ESCOLAS PÚBLICAS DE JIJOCA DE JERICOACOARA, BRASIL

Rita Martins da Silva ¹

Maria Francielma Souza de Vasconcelos ²

RESUMO

A sociedade contemporânea enfrenta desafios relacionados às atitudes, comportamentos e ações dos adolescentes, que resultam em situações de vulnerabilidade emocional e social. Esse fenômeno, caracterizado por questões complexas de saúde mental, tem se tornado uma preocupação crescente, impactando profundamente o desenvolvimento, a aprendizagem e a qualidade de vida dos jovens no ensino básico (Santos; Gondim, 2021). Diante desse cenário, essa pesquisa se propõe a investigar as percepções dos estudantes do Ensino Básico de Escolas Públicas em Jijoca de Jericoacoara, no Brasil, sobre saúde mental na adolescência. O estudo também busca comparar **as percepções dos estudantes** com as percepções de suas famílias e professores, visando identificar pontos de convergência e divergência que contribuam para uma compreensão mais integrada do fenômeno, saúde mental na adolescência. A metodologia utilizada nesta investigação foi mista, combinando abordagens quantitativas e qualitativas para oferecer uma visão ampla do fenômeno em estudo. Na recolha de dados, foi aplicado um roteiro de perguntas que incluiu perguntas objetivas e subjetivas para recolher dados quantitativos e qualitativos, permitindo analisar as percepções dos participantes sobre a saúde mental dos adolescentes. Os participantes incluíram estudantes do ensino básico de escolas públicas, suas famílias e professores, totalizando um grupo diversificado que ofereceu uma multiplicidade de perspectivas sobre o tema. A seleção dos participantes foi realizada por meio de amostragem intencional, garantindo a representatividade de diferentes contextos socioeconômicos e culturais. Os resultados mostraram que os estudantes veem a saúde mental como um aspecto importante, embora ainda rodeado de estigmas e falta de compreensão. Famílias e professores reconheceram a relevância do tema, mas relataram dificuldades em oferecer o suporte adequado aos adolescentes. A pesquisa evidenciou a necessidade de mais diálogo e apoio especializado nas escolas, além de estratégias educativas que envolvam toda a comunidade escolar para promover um ambiente mais acolhedor e informativo.

Palavras-Chaves: Saúde Mental, Adolescência, Estudantes.

¹ Doutora em Ciência da Educação e Psicologia da Universidade Nova de Lisboa (NOVA) em parceria com o Instituto de Psicologia Avançada (ISPA) Lisboa, Portugal e reconhecido na Universidade Católica de Brasília - UCB, ritasms@hotmail.com;

² Licenciatura em matemática – Unopar, francy.fs57@gmail.com



1. INTRODUÇÃO

No contexto contemporâneo, o debate sobre saúde mental, especialmente na adolescência, tem ganhado destaque não apenas no meio acadêmico, mas também nas práticas administrativas e estratégicas das organizações e instituições educacionais. Este crescente interesse se deve ao reconhecimento da adolescência como uma fase crítica para o desenvolvimento psicológico e emocional.

Estudos recentes como os de Santos e Gondim (2021) apontam para uma urgência em abordar e compreender as complexidades relacionadas à saúde mental dos jovens, que são influenciadas por diversos fatores ambientais e sociais. Essa preocupação se reflete diretamente no ambiente escolar, onde a detecção e o suporte adequados podem determinar trajetórias de vida mais saudáveis e produtivas.

Sendo assim, falar sobre adolescência é falar de pessoas que vivem dilemas por se encontrar em fase de construção de comportamentos, caracterizada por um período de muitos conflitos e dilemas internos, exigindo muito controle e apoio de outros para manter uma vida saudável, principalmente no quesito saúde mental (WHO, 2020).

Os estudos realizados têm comprovado que em média 12,9% dos transtornos enfrentados pelos adolescentes, estão voltados para fatores biológicos, cognitivos, emocionais e sociais, o que motiva a realização de mais estudos que tratem desse fenômeno para criar ações práticas para que os adolescentes possam se sentir apoiados e sofrer menos os impactos dos dilemas dessa fase da vida, tal como refere o Global Burden of Disease (GBD) (IHME, 2022).

Segundo alguns estudos, como os de Valdez et al (2011), de Suldo et al (2014) e da UNICEF (2021), as consequências causadas na vida dos adolescentes em decorrência da sua saúde mental, provocam danos como, por exemplo, falta de concentração, baixa autoestima, desaceleração no desenvolvimento pessoal e intelectual, além de dificultar suas relações sociais e comportamentos, podendo esses conflitos atingirem a vida adulta, o que exige ações preventivas.

A Organização das Nações Unidas (ONU), por meio de suas diversas agências, incluindo a Organização Mundial da Saúde (OMS), tem tratado a saúde mental na adolescência como uma prioridade global, considerando os desafios únicos enfrentados por essa faixa etária. A ONU reconhece que os problemas de saúde mental na adolescência podem afetar o desenvolvimento educacional e social e têm implicações a



longo prazo na vida adulta (OMS, 2020; ONU, 2018).

Conforme destacado por Santos e Gondim (2021), as experiências vivenciadas pelos estudantes em diferentes contextos, como a família, a comunidade, a escola e as interações entre pares, podem despertar sentimentos e emoções que, se não bem gerenciados, podem levar a conflitos internos. Esses conflitos, por sua vez, podem influenciar negativamente o comportamento e as decisões dos adolescentes, acentuando a sua vulnerabilidade.

No município de Jijoca de Jericoacoara, Brasil, percebe-se uma oportunidade e necessidade de explorar as percepções dos estudantes sobre a saúde mental durante essa fase de vida. O cenário escolar, por estar intrinsecamente ligado ao cotidiano dos adolescentes, apresenta-se como um campo fértil para esta investigação, fornecendo insights valiosos para políticas públicas e práticas pedagógicas focadas no bem-estar dos estudantes.

Essa necessidade de compreender mais profundamente as percepções dos adolescentes sobre a saúde mental surge como resposta a um problema observado: a falta de dados concretos e análises específicas sobre como os estudantes de escolas públicas percebem e são afetados por questões de saúde mental. Assim, surgem as questões centrais deste estudo: "Como as percepções sobre saúde mental variam entre adolescentes de diferentes contextos sociais e educacionais nas escolas públicas de Jijoca de Jericoacoara?"; "Como os adolescentes percebem a saúde mental na adolescência?"; "Existem diferenças na forma como pensam os estudantes em função do gênero, da idade, do nível de escolaridade e da zona em que vivem?"; "Que fatores apontados pelos adolescentes têm influência na saúde mental na adolescência?" "Que diferenças existem na percepção sobre saúde mental entre estudantes, familiares e professores?".

Assim, essa pesquisa tem o objetivo geral estudar as percepções dos estudantes do Ensino Básico de Escolas Públicas em Jijoca de Jericoacoara sobre saúde mental na adolescência, fazendo um estudo comparativo na forma como a percebem os adolescentes, a família e os professores envolvidos no dia a dia destes estudantes.

Espera-se que este estudo contribua significativamente para a compreensão das variáveis que influenciam a saúde mental dos adolescentes, fornecendo dados que podem



auxiliar na formulação de estratégias mais eficazes para o suporte emocional e psicológico nas escolas. Além disso, os resultados podem orientar a criação de programas de intervenção mais alinhados com as necessidades reais dos estudantes.

A metodologia empregada nesta pesquisa foi de natureza mista, utilizando-se de um roteiro de perguntas para coletar dados diretamente dos alunos, professores e familiares, proporcionando uma análise detalhada das diferentes perspectivas sobre o tema.

A dissertação está estruturada em 3 capítulos. No primeiro capítulo, denominado "Marco Teórico", é realizada uma revisão de literatura, enfocando os conceitos básicos sobre saúde mental na adolescência, de acordo com diferentes autores estudados. O segundo capítulo "Método" descreve a abordagem ao problema investigado, a natureza do estudo e os métodos empregados. O terceiro capítulo, denominado "Análise e Discussão dos Resultados", apresenta os dados coletados e sua interpretação. Por fim, na Conclusão são apresentadas as conclusões e recomendações para estudos futuros, e, por fim, as referências utilizadas ao longo do trabalho.

2. METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem mista, articulando métodos quantitativos e qualitativos. Essa combinação permitiu captar tanto os dados numéricos que expressam tendências gerais quanto as percepções subjetivas dos participantes sobre o tema estudado. O estudo foi realizado em escolas públicas municipais e estaduais de Jijoca de Jericoacoara, município caracterizado por uma diversidade sociocultural e desafios próprios de uma região turística.

Participaram da pesquisa 362 estudantes, com idades entre 13 e 18 anos, matriculados no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio. Também participaram 163 familiares e 25 professores. A amostra foi selecionada de forma intencional, considerando critérios de acessibilidade, diversidade e representatividade das escolas da rede pública local.

O instrumento de coleta de dados consistiu em um roteiro de perguntas semiestruturadas, com 25 questões divididas em quatro eixos temáticos: (1) Relação interpessoal; (2) Relação familiar; (3) Relação escolar; e (4) Dimensões sociais. O questionário foi aplicado de forma digital e presencial, garantindo a participação de



diferentes públicos. As respostas abertas foram analisadas a partir da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2016), enquanto as respostas fechadas foram tratadas por meio de estatística descritiva.

Para assegurar o rigor científico e ético, a pesquisa seguiu as diretrizes da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Todos os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, e os dados foram utilizados exclusivamente para fins acadêmicos, preservando a identidade dos respondentes.

A opção pela abordagem mista justifica-se pela complexidade do fenômeno da saúde mental. Como defendem Creswell e Plano Clark (2018), a integração entre métodos quantitativos e qualitativos possibilita uma compreensão mais ampla e profunda dos fenômenos humanos, permitindo a triangulação dos dados e o cruzamento entre percepções subjetivas e evidências empíricas.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 A adolescência e os desafios contemporâneos

A adolescência é uma fase de descobertas, conflitos e construção identitária. De acordo com Erikson (1976), trata-se de um período em que o indivíduo enfrenta a crise da identidade versus confusão de papéis, sendo desafiado a consolidar uma imagem coerente de si mesmo e de seu papel social. Para Papalia e Feldman (2013), esse processo é influenciado tanto por fatores biológicos quanto pelas experiências sociais e emocionais.

No Brasil, as condições socioeconômicas e culturais agravam os desafios da adolescência. O aumento da violência, o desemprego dos pais, o uso excessivo das redes sociais e a pressão escolar criam um ambiente de estresse constante. Segundo Goleman (2012), a inteligência emocional é uma competência essencial para lidar com essas demandas, pois permite ao indivíduo reconhecer, compreender e gerenciar suas próprias emoções e as dos outros.

3.2 Determinantes da saúde mental

Os determinantes da saúde mental incluem fatores biológicos, psicológicos e



sociais. Fonseca et al. (2018) destacam que a pobreza, a desigualdade social e a violência doméstica são variáveis que comprometem o desenvolvimento emocional. A exclusão e o estigma também reforçam o isolamento dos adolescentes em sofrimento. Além disso, a carência de políticas públicas eficazes e a falta de acesso a serviços de psicologia escolar tornam a situação ainda mais crítica.

Dados do Ministério da Saúde (2023) apontam que cerca de 15% dos adolescentes brasileiros apresentaram sintomas de ansiedade grave nos últimos anos. O relatório também revela que apenas 12% das escolas públicas contam com algum tipo de acompanhamento psicológico regular. Essa lacuna reforça a importância da atuação interdisciplinar entre educação e saúde.

3.3 O ambiente escolar como espaço de cuidado

A escola, enquanto espaço social e pedagógico, tem potencial para promover a saúde mental, desde que haja intencionalidade e formação adequada dos profissionais. Thomson e Grace (2020) observam que um ambiente escolar positivo, baseado no respeito e na empatia, reduz comportamentos agressivos e melhora o desempenho acadêmico.

Em Jijoca de Jericoacoara, observou-se que muitos professores reconhecem a relevância da temática, mas relatam dificuldades em lidar com situações de sofrimento emocional entre os estudantes. Isso reforça a necessidade de formações continuadas e de políticas institucionais que priorizem o bem-estar docente e discente. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) já reconhece o desenvolvimento socioemocional como uma competência essencial da educação integral.

3.4 A vulnerabilidade social e a realidade local

O município de Jijoca de Jericoacoara é um território que convive com contrastes: de um lado, o turismo e o crescimento econômico; de outro, a precariedade dos serviços públicos e o aumento das desigualdades. Muitos adolescentes vivem em comunidades periféricas, com poucas oportunidades de lazer, cultura e acesso a serviços de saúde.

Essa vulnerabilidade reflete-se nas falas dos participantes, que relatam



sentimentos de solidão, medo e falta de perspectiva. Segundo Pereira (2018), a vulnerabilidade social intensifica os riscos de adoecimento mental, especialmente quando associada à negligência familiar e à ausência de políticas de proteção social. A escola, nesse contexto, torna-se um dos poucos espaços de escuta e apoio emocional disponíveis.

3.5 O papel da família e das redes de apoio

A família é o primeiro espaço de construção emocional do indivíduo. No entanto, muitos lares enfrentam sobrecargas financeiras, conflitos conjugais e falta de diálogo. De acordo com Costa e Pereira (2020), famílias desestruturadas tendem a gerar adolescentes com baixa autoestima e dificuldades de socialização. A ausência de tempo e o excesso de cobrança foram elementos recorrentes nos depoimentos das famílias entrevistadas.

Além da família, as redes comunitárias e institucionais podem exercer um papel protetivo importante. A articulação entre escola, comunidade e serviços de saúde é uma estratégia essencial para a promoção da saúde mental, conforme orienta o Programa Saúde na Escola (PSE, 2022).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos dados revelou um panorama multifacetado. Entre os estudantes, 83% afirmaram reconhecer a importância da saúde mental, mas apenas 41% relataram sentir apoio emocional constante por parte da família ou da escola. Já 65% dos professores declararam sentir-se despreparados para lidar com situações de crise emocional entre os alunos.

As respostas abertas demonstraram que muitos adolescentes associam a saúde mental à capacidade de lidar com pressões externas e internas. As principais fontes de sofrimento mencionadas foram o bullying, os conflitos familiares, a comparação social e a sobrecarga escolar. As meninas relataram níveis mais altos de ansiedade e preocupação com a aparência, enquanto os meninos enfatizaram as exigências de desempenho e controle emocional.

Esses resultados estão em consonância com estudos de Barros et al. (2023), que apontam o crescimento dos transtornos de ansiedade entre adolescentes brasileiros, especialmente nas escolas públicas. A ausência de acompanhamento especializado e o tabu em torno do tema reforçam o ciclo de silêncio e desamparo.

Famílias e professores, por sua vez, reconhecem o tema, mas enfrentam limitações práticas. A falta de formações específicas, o excesso de demandas e a ausência de uma rede de



apoio institucional tornam o enfrentamento mais difícil. A literatura internacional reforça que programas escolares de educação emocional, como os implementados em países nórdicos, resultam em melhora significativa no bem-estar dos alunos (WHO, 2022).

Esses achados sugerem que a promoção da saúde mental não pode ser vista como uma tarefa isolada. É necessário um trabalho intersetorial, envolvendo políticas educacionais, saúde pública e participação familiar. O fortalecimento das competências socioemocionais e o investimento em profissionais de apoio psicológico nas escolas são passos fundamentais para mudar essa realidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise comparativa dos resultados obtidos, entre estudantes, professores e famílias relativamente à percepção da saúde mental dos adolescentes, observaram-se diferenças e alguns consensos que moldam o entendimento e a resposta aos desafios nesta área. Os adolescentes frequentemente se sentem incompreendidos e isolados, uma percepção que não é completamente compartilhada por professores ou familiares. Este grupo tende a expressar ou experimentar sinais de ansiedade ou depressão de maneiras sutis, que muitas vezes não são reconhecidas pelos adultos devido à falta de visibilidade ou interpretação incorreta. Essa desconexão sugere uma lacuna na comunicação e no entendimento entre os jovens e os adultos.

Os professores geralmente percebem as questões de saúde mental dos adolescentes dentro do contexto escolar, focando os comportamentos que afetam o desempenho acadêmico e as competências sociais. Contudo, as famílias muitas vezes não identificam esses sinais, devido à falta de conhecimento específico sobre saúde mental ou à crença de que certos comportamentos são típicos da adolescência. Isso pode resultar em uma resposta inadequada ou tardia face às necessidades dos jovens. Diferentemente dos professores, que podem observar mudanças comportamentais em um contexto mais controlado e estruturado, os pais podem interpretar os mesmos comportamentos como normais ou não problemáticos, o que pode levar a uma falta de intervenção necessária.

Apesar das diferenças, existe um consenso entre todos os grupos sobre a importância da saúde mental. No entanto, surgem discrepâncias na percepção da gravidade dos problemas e na eficácia das soluções propostas. Enquanto alguns podem subestimar a seriedade dos problemas, outros podem exigir intervenções mais intensas, refletindo



uma falta de consenso sobre como abordar essas questões de maneira efetiva.

As diferenças e semelhanças observadas entre as percepções dos participantes evidenciam a necessidade de criação e implementação de respostas no domínio da saúde mental. Há uma necessidade clara de desenvolver estratégias que considerem essas perspectivas, garantindo que as intervenções sejam abrangentes, adaptadas às necessidades reais dos adolescentes e transparentes para todos os envolvidos, especialmente para as famílias e professores.

A análise comparativa das percepções dos estudantes, professores e famílias é fundamental para formular uma abordagem mais holística e eficaz na promoção da saúde mental dos adolescentes. Tal abordagem deve procurar harmonizar as diversas visões, melhorando a comunicação e o entendimento mútuo, para desenvolver estratégias de suporte mais sincronizadas e eficientes.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2016.

BARROS, M. et al. *Saúde mental na escola: perspectivas contemporâneas*. São Paulo: Cortez, 2023.

BNCC – BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. *Educação é a Base*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017.

COSTA, M.; PEREIRA, A. *Família, afetividade e adolescência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

CRESWELL, J. W.; PLANO CLARK, V. L. *Designing and conducting mixed methods research*. Thousand Oaks: Sage, 2018.

ERIKSON, E. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FONSECA, L. et al. *Determinantes sociais e saúde mental no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2018.

GOLEMAN, D. *Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). *Relatório de Saúde Mental e Juventude*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2023.



OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *World Mental Health Report: Transforming Mental Health for All*. Geneva: World Health Organization, 2020.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PEREIRA, S. *Vulnerabilidade social e adolescência*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2018.

SANTOS, A.; GONDIM, M. *Saúde mental e adolescência: reflexões sobre o contexto educacional*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2021.

THOMSON, P.; GRACE, M. *School climate and mental health in adolescence*. London: Routledge, 2020.

WHO – WORLD HEALTH ORGANIZATION. *School-based mental health programs: global overview*. Geneva: WHO, 2022.

